

CAPÍTULO IV

TURISMO INDUSTRIAL CRIATIVO - A ROTA DO MÁRMORE DO ANTICLINAL DE ESTREMOZ DO CECHAP

Noémi Marujo – Universidade de Évora/CIDEHUS

Armando Quintas - Rota do Mármore do AE / Centro de Estudos CECHAP/CIDEHUS

Carlos Filipe – Rota do Mármore do AE / Centro de Estudos CECHAP/CIDEHUS

Maria do Rosário Borges - Universidade de Évora/CIDEHUS

Jaime Serra – Universidade de Évora/CIDEHUS

1. Introdução

A oferta de turismo industrial baseia-se, essencialmente, em recursos, espaços ou processos e atividades produtivas que não foram planeadas para serem atrativos turísticos, mas cujo valor patrimonial tem interesse para alguns mercados turísticos. O valor do património industrial emerge do meio onde se insere, na sua paisagem que se revela como ícone e, também, nas relações que estabelece com o espaço e as memórias (Alves, 2004). O património industrial está associado à identidade cultural de uma região e, por isso, passou a ser objeto de procura e de consumo (Abad, 2004). De facto, o património industrial possui características autênticas que estão intimamente ligadas à cultura de um território. Para Cardoso (2012), “o património industrial é um tesouro cultural, pois em cada elemento que o integra há uma história. Pode ser uma história de vida, a história de um local, uma pequena história que se conta. Cada elemento contém um valor histórico, cultural, social, pessoal muito rico e que, em conjunto com os outros elementos, contam a história de um povo” (p. 38).

O património industrial, de certa forma, testemunha a autenticidade

de um lugar e, por isso, atrai muitos turistas com motivações para o consumo daquilo que é autêntico. Sublinhe-se que no turismo, para alguns autores, a autenticidade está relacionada com o sentido genuíno da cultura e a sua origem, ao real e ao único (Sharpley, 2008; McKercher e Cros, 2002). Portanto, “a autenticidade é característica do que é genuíno, inalterado ou verdadeiro. E no que concerne ao turismo, o termo refere-se a uma motivação pela procura de experiências culturais autênticas” (Getz, 2002, p. 425).

Para Brandão (2016), as visitas ao património industrial permitem que os visitantes conheçam locais de interesse industrial atualmente desativados, podendo, assim, conhecer as técnicas e instrumentos utilizados no passado e reviver histórias antigas” (p.25). Savoja (2012) define três modelos para o turismo industrial. O primeiro modelo caracteriza-se pelo interesse dos artefactos e símbolos industriais do passado. O segundo relaciona-se com os espaços industriais convertidos para práticas de tempo livre, como é o caso das antigas fábricas que se converteram em lugares de interesse turístico. O terceiro modelo de turismo industrial está associado com as visitas às empresas vivas que o autor define como ‘*Living Industry Tourism*’. Trata-se de um modelo que, segundo Savoja (2012), está orientado para “o conhecimento direto de processos e produtos típicos e representativos de um território” (p. 94).

O turismo industrial permite uma aprendizagem sobre atividades do passado, do presente e do futuro, e envolve a visita ao património industrial e às indústrias no ativo (Otgaar, 2012). Nesta sequência, Brandão (2016), acrescenta que o turismo industrial “inclui visitas à indústria viva, o que permite aos visitantes conhecer instalações de empresas ou centros que apoiam as indústrias, bem como conhecer as suas histórias, as instalações e todo o processo de produção” (p. 25). No consumo desta atividade de turismo industrial o visitante, com motivações culturais associadas à indústria, pode ter uma participação ativa ou passiva, consoante o programa de atividades que lhe está associado.

O presente capítulo pretende descrever a oferta criativa que o CECHAP (Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património) desenvolve através da Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz.

2. O CECHAP – Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património

O CECHAP (Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património), criado em 2011 e sito em Vila Viçosa, é uma associação sem fins lucrativos que se assume como um Centro de Estudos e que tem como missão, através do desenvolvimento de estudos científicos em diversas áreas e de atividades culturais, a promoção e dinamização da cultura, da história, das artes e dos diversos patrimónios.

Focado, especialmente, na região do Alentejo Central e nas suas potencialidades, o CECHAP procura ser uma voz ativa na defesa do património cultural e dos interesses das comunidades, como elemento dinamizador, valorizador e diferenciador dos territórios e da sua herança cultural (CECHAP, s/d).

Desenvolvendo muito do seu trabalho em torno do principal recurso endógeno da região – o mármore – um dos serviços prestados pelo CECHAP é a Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz (RMAE), a qual foi selecionada para integrar o Projeto CREATOUR. Para Quintas (2019), a RMAE pretende ser “um produto de experiência para o visitante, envolvendo as várias fases desta indústria, numa ligação com o seu território, e a sua história e a sua comunidade” (p. 246).

3. A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz

O historial dos mármore da região Alentejo está relacionado com a “história dos homens e das suas vidas, é a história de uma cultura e de uma civilização, de uma comunidade e da sua relação com a pedra, dos hábitos da forma produtiva, do génio criador, da arte e dos artefactos” (Quintas, Filipe e Hipólito, 2014, p. 584). Para os autores, o mármore teve e continua a ter um papel fundamental para a região. Na opinião de Quintas (2019), a atividade do mármore e a sua indústria são mais do que uma atividade extrativa. Ou seja, “são também um valor cultural que surge a partir do trabalho e da transformação da matéria-prima, quando esta se torna um objeto artístico e ornamental. É uma atividade geradora de uma forma de vida, de uma comunidade em torno de uma prática ancestral e de um património baseado no conhecimento imaterial, nas estruturas de produção e na paisagem transformada” (p. 246).

Segundo Tinoco, Filipe e Hipólito (2012), a região de Borba, Estremoz e Vila Viçosa (o Anticlinal de Estremoz) é uma das mais antigas e mais produtivas superfícies de extração de mármore para fins ornamentais do país, com cerca de 200 pedreiras em atividade. A zona geográfica do mármore, segundo os mesmos autores, possui um conjunto de bens patrimoniais (materiais e imateriais) que podem contribuir para o desenvolvimento económico e sociocultural das referidas regiões. O designado turismo industrial pode ser uma forma de salvaguardar o rico património que estas regiões apresentam na referida área. De facto, o mármore apresenta potencialidades que podem ser transformadas em recursos turísticos. Por esta mesma razão, a RMAE nasceu para preservar o património industrial das três localidades que constituem o Anticlinal de Estremoz, mas também para oferecer um turismo diferenciador na região Alentejo. Para Tinoco *et al* (2012), de facto, “sendo o mármore uma das matérias-primas, ornamentais, mais ricas, e tendo uma importância bastante acentuada em toda a zona dos mármore, torna-se necessária a sua valorização enquanto produto cultural e turístico” (p. 59). A ação da RMAE, segundo Quintas (2019), assenta em cinco vetores: a divulgação do património da zona dos mármore nas suas diversas dimensões (geológico, urbano, paisagístico, arquitetónico, gastronómico); a preservação das memórias e do saber-fazer do trabalho industrial e artesanal; a exploração o papel ativo e construtivos dos lugares patrimoniais; a valorização da cultura, da economia local e regional e do recurso endógeno do mármore; a educação e a sensibilização patrimonial de jovens e adultos.

Refira-se que as rotas culturais estão relacionadas com a identidade cultural de um lugar. As rotas são constituídas por elementos tangíveis e intangíveis. Elas ativam a participação da comunidade em atividades culturais e, também, consciencializam para o património cultural comum (Paiva, Seabra, Abrantes, Reis e Pereira, 2018). Ou seja, segundo os autores, as rotas culturais “conservam o que se considera único e autêntico, preservando a etnografia local e tradições autóctones, sendo um meio de promoção e desenvolvimento económico” (Paiva *et al*, 2018, p.384).

A RMAE insere-se no conceito de património industrial que constitui, cada vez mais, um recurso essencial para o crescimento do turismo industrial na região Alentejo. Este tipo de turismo pode ser uma aposta para o

desenvolvimento do turismo criativo industrial no Alentejo. Note-se que o valor cultural que o património industrial e as paisagens industriais possuem está, cada vez mais, presente na mente do consumidor turístico (Jansen-Verbeke, 1999) e, portanto, o turismo industrial pode melhorar a imagem do destino e contribuir para o desenvolvimento do turismo. Segundo Ferreira (2003), o turismo industrial engloba, fundamentalmente, três vertentes: cultural, pedagógica e científica. Assim, a Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz nas suas atividades procura, sempre que possível, oferecer um conjunto de experiências que contempla o envolvimento do visitante nas vertentes referidas.

3.1. A RMAE e o turismo industrial

A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz engloba uma oferta de animação turística em ambiente industrial. Neste sentido, disponibiliza aos visitantes uma experiência autêntica, no universo do recurso do mármore no território do Anticlinal de Estremoz e dos seus diversos patrimónios correlacionados, sejam eles no âmbito da geologia, da história, do urbanismo, da paisagem, nas técnicas e no saber-fazer (Rota do Mármore, s/d). A RMAE não tem como objetivo ‘vender’ o património, mas sim valorizar os recursos que existem tendo em vista o desenvolvimento integral da comunidade local e dos visitantes (Tinoco *et al*, 2012).

Saliente-se que o projeto da Rota foi iniciado com o desenvolvimento de um estudo académico que rapidamente evoluiu para um produto turístico profissionalizado. Sediada em Vila Viçosa, a atividade da Rota está concentrada num território que abrange os concelhos de Alandroal, Borba, Estremoz, Sousel e Vila Viçosa.

A RMAE proporciona aos visitantes um contacto com os espaços de lava nas pedreiras, de transformação do mármore, passando pelas indústrias e oficinas de canteiro. Na sua oferta turística disponibiliza, também, visitas ao conjunto do património histórico de cada município, complementadas com uma experiência gastronómica e o contacto com o artesanato e as tradições populares da região.

Refira-se que a RMAE se afirma, atualmente, como a única entidade estruturada em Portugal de oferta no turismo industrial, com uma ligação

ao produto endógeno mármore e à sua indústria. Funcionando com uma equipa profissional de forma contínua, os seus conteúdos estão fundamentados no conhecimento do território, da sua história e património, bem como na valorização que o sector económico desta indústria representa para a região e para o país. Os guias da RMAE estão habilitados com formação própria, transmitindo ao visitante os processos de evolução das técnicas e das tecnologias da indústria dos mármore, da sua aplicação na arquitetura e escultura. Assim, através de uma programação de visitas para diferentes públicos, a RMAE dá a conhecer o processo extrativo das pedreiras, da transformação em unidades e serrações, onde se pode observar o corte e o polimento do mármore e, ainda, as técnicas ancestrais no trabalho do canteiro no espaço dos seus telheiros e oficinas, onde é possível apreciar o talhe do seu trabalho artístico.

A equipa da RMAE tem, também, como responsabilidade e objetivo, cooperar no estudo, na promoção e na salvaguarda do património da região, contribuindo dessa forma para o enriquecimento do conhecimento cultural e para o desenvolvimento sustentável da região Alentejo. Os contributos gerados pela pertinência e qualidade científica, como é o caso do estudo PHIM - Património e História da Indústria dos Mármore¹, desenvolvido em cooperação com algumas unidades de investigação científica de Universidades Portuguesas, são a confirmação de um trabalho de veracidade e de competência na produção de novos conteúdos que permitem manter a autenticidade do património e da memória desta importante indústria.

3.1.1. A RMAE e a oferta em turismo criativo industrial

A prática do turismo criativo é uma realidade incontestável em todo o mundo. Cidades e vilas procuram, cada vez mais, desenvolver ofertas em turismo criativo com a finalidade de captarem mais turistas para as suas regiões.

A equipa da RMAE, no decorrer das suas atividades, identificou duas necessidades: a) diversificar a sua oferta cultural; b) atribuir uma maior ênfase ao património e à promoção cultural da indústria dos mármore.

¹ www.marmore-cechap.pt

Assim, e através do reforço no papel do próprio visitante/ turista, foi possível desenvolver um programa na vertente do turismo industrial criativo. Refira-se que o turista, hoje, é mais experiente e exigente nas escolhas que efetua. Ele tem uma maior disposição para a descoberta e para a aprendizagem (Ferreira, 2003). De acordo com esta autora, o turista não deseja fruir passivamente a oferta, mas sim participar ativamente através da interação entre aprender e saber-fazer. Para Ferreira (2003), este desejo do turista “exige a transformação dos locais de valor patrimonial em pontos de produção de cultura viva, experiências em que os visitantes sejam convidados, de algum modo a participar” (p. 138). Assim, e seguindo o panorama das exigências dos novos turistas, a equipa da RMAE pretende que os participantes, através do seu programa de turismo criativo, obtenham uma experiência única e diferenciada.

A integração da RMAE no Projeto CREATOUR gerou oportunidades para alargar horizontes sobre a temática do turismo criativo e, também, possibilitou a diversificação da oferta cultural em turismo criativo industrial. De facto, através da participação no CREATOUR foi possível não só tomar conhecimento com diversas experiências criativas desenvolvidas pelos outros parceiros (designados de pilotos), mas também projetar e realizar novas atividades em turismo industrial criativo melhorando, desta forma, a estratégia de funcionamento da Rota e de captação de novos públicos.

3.1.1.1. Atividades criativas em património industrial

O turismo industrial criativo envolve a participação dos turistas na descoberta de novas paisagens culturais e, também, na aprendizagem das singularidades patrimoniais industriais de uma localidade. O turista é consumidor e produtor das atividades industriais que realiza. Estas motivações do turista industrial criativo podem ser concretizadas através das atividades ativas e genuínas que a RMAE oferece, especialmente, nas oficinas criativas de canteiro, nos *workshops*, etc. Nas oficinas criativas de canteiro, os participantes entram em contacto com a realidade do trabalho dos canteiros (Figura 1).

Figura 1 – Oficina Criativa de Canteiros



Fonte: Carlos Filipe e Armando Quintas (2019)

A Figura (1) ilustra a participação ativa dos participantes num processo de aprendizagem. Através do trabalho demonstrado pelo mestre canteiro, os participantes experimentaram o talhe do mármore e dos instrumentos utilizados, praticando os primeiros passos no desbaste e modelação da pedra. Com essa experiência, não se procurou desenvolver uma aprendizagem profissionalizante, mas sim transmitir o labor e a dureza da profissão na produção de peças artísticas com a sua componente de experiência. Sublinhe-se que esta atividade requer alguma instrução (nível de conhecimento) por parte dos participantes. No entanto, o contacto com a arte de trabalhar a pedra nesta oficina permite que eles tenham uma experiência singular no território que visitam. Nestas oficinas, os participantes podem “literalmente colocar as mãos na massa, aprender as etapas básicas da modelação escultórica, conhecer os diferentes tipos de pedra, aprender a fazer objetos com desperdícios, entre muitas outras atividades” (Quintas, 2019, p. 248).

Nos *workshops* em artes visuais, o principal objetivo é enfatizar a troca

de ideias e a demonstração e aplicação de técnicas associadas à indústria do mármore (Figura 2).

Figura 2 – *Workshop* de Artes Visuais



Fonte: Armando Quintas e Carlos Filipe (2019)

Nos *workshops* em artes visuais, a atividade conta com a participação de desenhadores autodidatas. Tem como principal objetivo experimentar a sua técnica, aproveitando os pequenos pedaços de mármore rejeitados pela indústria, jogando com as suas diferenças cromáticas. Nesta experiência, incentiva-se os participantes a fazerem as suas pinturas associadas à paisagem industrial da região visitada. Na iniciativa procura-se, também, sensibilizar os participantes para o aproveitamento e gestão dos recursos pétreos com a utilização dos mármore depositados nas escombreiras existentes junto às pedreiras. Outra atividade criativa, que envolve o recurso dos mármore, está associada ao concurso de fotografia com o tema ‘A Paisagem do Ouro Branco’.

4. Considerações finais

Nas visitas ao património industrial de uma região, os visitantes têm a oportunidade de conhecer locais com relevante interesse industrial, através do contacto direto com técnicas e instrumentos do passado. O património industrial de uma região é, de facto, um atrativo turístico para aqueles turistas que gostam de observar e vivenciar paisagens industriais. Sublinhe-se que, segundo Quintas (2019), o turismo industrial deve ser uma das estratégias para estimular elementos diferenciadores numa re-

gião. Mas para que isso aconteça, ainda segundo (Quintas, 2019), é necessário “saber interpretar o património e conhecer tão bem a história de uma catedral ou de um palácio, como de uma grua ou de uma pedreira, tarefa nem sempre fácil e bastante demorada, mas só possível com um aturado e rigoroso estudo que permita criar uma verdadeira narrativa patrimonial” (p. 248).

No âmbito do Projeto CREATOUR, a Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz conseguiu ampliar a sua oferta em turismo industrial criativo. As novas experiências desenvolvidas no saber-fazer apreendido durante o período experimental do Projeto CREATOUR, permitiram criar um roteiro de oferta cultural para a região, dentro da ótica organizacional que já vinha sendo realizada pela RMAE. Desta forma, procurou-se que as atividades referidas fossem aperfeiçoadas e até reforçadas por outras propostas ligadas à criatividade.

Para a RMAE, o Projeto CREATOUR fez toda a diferença pelo conhecimento alcançado e pela troca de experiências num diálogo abrangente com a partilha de outros pilotos. No caso da RMAE, que é desenvolvida no interior alentejano, em zona de baixa densidade populacional e de pequenas cidades, a proposta criativa trouxe também uma distinção ao nível da oferta turística, com experiências fora do tradicional para pequenos grupos de visitantes e, por isso, valorizadas por serem realizadas num espaço e contexto pouco comum.

Refira-se que a envolvimento com as comunidades locais e os industriais do mármore, nos seus espaços, não é uma tarefa fácil. Mas, de facto, são determinantes para o reforço de uma ligação entre o público mais interessado em ofertas diferenciadas, constituindo-se uma oportunidade enquanto possíveis clientes. Considera-se que a própria indústria do mármore poderá ser um beneficiário direto com o valor do *marketing* desenvolvido pelo CREATOUR e pela RMAE, num território em que o recurso natural é uma importante reserva, numa região tendencialmente deprimida, mas com enorme potencial de desenvolvimento.

A oferta cultural criativa da RMAE, através do património industrial associado ao mármore, constitui um fator de diferenciação para o destino Alentejo, tal como fundamentado anteriormente. Por outro lado, e

através das atividades que desenvolve, contribui para o desenvolvimento turístico e para a valorização do património industrial relacionado com o mármore.

5. Referências bibliográficas

- Abad, C. (2004). La reutilización del patrimonio industrial como recurso turístico. Aproximación geográfica al turismo industrial. *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, 57, 7-32.
- Alves, J. (2004). Património industrial, educação e investigação – a propósito da rota do património industrial do Vale do Ave. *História-Revista da Faculdade de Letras*, III Série, 5, 251-256.
- Brandão, G. (2016). *Turismo industrial em São João da Madeira – Relatório de Estágio*. Mestrado em Línguas e Relações Empresariais, Universidade de Aveiro.
- Cardoso, V. (2012). Turismo industrial – uma abordagem metodológica para o território. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1, 37-59.
- Ferreira, A. (2003). *O turismo como propiciador da regeneração dos centros históricos. O caso de Faro*. Tese de Doutoramento em Turismo, Universidade de Aveiro.
- Getz, D. (2002). O evento turístico e o dilema da autenticidade. In W. Theobald (org.), *Turismo global*. 2.^a Ed., São Paulo: SENAC.
- Jansen-Verbeke, M. (1999). Industrial heritage: A nexus for sustainable tourism development. *Tourism Geographies*, 1(1), 70-85. <https://doi.org/10.1080/14616689908721295>
- McKercher, B., e Cros, H. (2002). *Cultural Tourism: the partnership between tourism and cultural heritage management*. New York, London, Oxford: THHP.
- Otgaar, A. (2012). Towards a common agenda for the development of industrial tourism. *Tourism Management Perspectives*, 4, 86-91. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2012.05.004>
- Paiva, O. et al (2018). Rotas Culturais no Centro de Portugal: duas propostas. In A. Correia, e P. Homem (Coords). *Turismo no centro de Portugal: potencialidades e tendências* (pp. 380-399). Lisboa: Actual Editora.
- Quintas, A. (2019). Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz: Uma forma diferente de conhecer o melhor do Alentejo. *Callipole, Revista de Cultura*, 26, Câmara Municipal de Vila Viçosa, 243-249.
- Quintas, A., Filipe, C., e Hipólito, R. (2014). A rota do mármore do Anticlinal de Estremoz (Portugal): Contributos. *II Congresso Internacional sobre Património Industrial. Património, Museus e Turismo Industrial: Uma Oportunidade para o Século XXI*. Universidade de Évora.
- Savoja, L. (2012). El Turismo de Industria Viva. Herramienta de la Responsabilidad Social de Empresa y oportunidad para el desarrollo local. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 1, 93-103.

Sharpley, R. (2008). *Tourism, Tourists and Society*. Huntingdon, UK: Elm Publications.

Tinoco, A., Filipe, C., e Hipólito, R. (2012). Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz (Projecto). *Cadernos de Sociomuseologia*, 42, 51-60.